

**REFLEXÕES SOBRE O DETERMINISMO  
PRESENTE NO PERFIL DE CLARA DOS ANJOS.  
PRINCIPAIS IDEIAS ACERCA DOS MITOS CRIADOS  
SOBRE A INFERIORIDADE DO NEGRO**

*Neide Amorim Ernesto* (UNIGRANRIO)

[ernestoneide@gmail.com](mailto:ernestoneide@gmail.com)

*Vanessa Ribeiro Teixeira* (UNIGRANRIO)

[vanessarteixeira@gmail.com](mailto:vanessarteixeira@gmail.com)

**RESUMO**

Este artigo envereda por um viés interdisciplinar entre literatura e história, haja vista que tratamos da questão do determinismo no perfil da personagem protagonista do romance *Clara dos Anjos* do autor Lima Barreto. Traçamos um recorte histórico sobre a construção da imagem do negro, utilizando para isso, alguns livros, artigos e revistas sobre a história da África e da escravidão. Além de iluminar a problemática tratada, essa experiência nos conduziu à evidenciação de questões que foram surgindo, à medida que elaboramos o artigo.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade. Determinismo.  
Racismo. Clara dos Anjos. Lima Barreto.

**1. Introdução**

A partir das características da personagem Clara dos Anjos, protagonista do romance homônimo de Lima Barreto, analisaremos a origem da cultura delineada pela moral burguesa que traçou perfis de comportamento, religião, etnia e gênero, nos transformando em uma sociedade eurocêntrica e sexista, com escalonamentos de importância dentro desse nicho eivado de regras que beneficiam somente uma parcela da sociedade.

O determinismo científico, que é um dos principais vieses das teorias raciais do século XIX, tem como princípio a ideia de que o condicionamento humano está vinculado a três fatores: a raça, o meio e o contexto histórico. Sendo assim, o livre-arbítrio não é levado em consideração. Esse tipo de tese ajudou a justificar a superioridade de uma cultura sobre a outra, validando a ideia de dominação dos negros pelos brancos através da imposição cultural. Sendo assim, a religião e os hábitos de modo geral que não fossem condizentes com as da elite burguesa, simplesmente eram marginalizados por serem considerados inferiores.

Esse tipo de ideia permeava o início do século XX e ajudou a elite burguesa a se sobrepor sobre os menos favorecidos economicamente, deixando-a em uma situação confortável, à medida que a segregação desses povos, constituídos em sua maioria por negros e mestiços, viviam em um ambiente diferente dos grandes centros. Essa questão geográfica pode ser observada nos dias de hoje, fazendo-nos crer que pouca coisa mudou de lá para cá.

No entanto, apesar da maioria desconhecer a origem dessa pecha de seres inferiores dada aos negros, ao revisitarmos o esboço das condições em que se formou essa visão negativa de tudo o que os relaciona, tais como religião, traços físicos, inteligência e outras mais, percebemos que a origem remonta ao século XV, época da chegada dos europeus ao continente africano, tempo das “grandes navegações”. Devemos considerar também que, mesmo não tendo encontrado os monstros que eram propagados pela igreja na Idade Média, caso se atrevessem a cruzar os mares, os navegadores se aproveitaram dessa mitificação para justificar a captura e exploração dos negros.

Se no século XV, a força e o poder de convencimento em desqualificar os africanos vinha por parte da Igreja, no século XIX, a justificativa deu-se através das teses científicas.

É importante observar que, apesar da escolha do perfil da personagem ser do sexo feminino, estaremos abordando questões que abranjem os dois sexos, pois, para falar especificamente sobre a dupla subalternidade a que está submetida, teríamos que nos ater a uma pesquisa mais específica. No entanto, esse perfil de Clara dos Anjos, traçado por Lima Barreto, nos dá a visão da inferioridade atribuída ao negro independente do sexo, já que o autor coloca muito de sua biografia em sua obra.

## **2. O perfil de Clara**

**Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava de mãos fortes que modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o**

tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. (BARRETO, 2012, p. 219)

Por esse perfil, observamos que a inferioridade de Clara está bem presente, sem a menor possibilidade de ser modificado, já que a sua natureza era de uma mulher fraca e suscetível a qualquer intervenção. Quando o narrador diz que ela precisava de mãos fortes que a modelassem, percebemos que ela não tinha caráter, era fraca. Não teria discernimento para resolver qualquer tipo de problema. Seria sempre dependente e facilmente enganada.

É claro que durante a leitura da obra, percebemos que esse ser inepto traçado por Lima Barreto foi influenciado por uma série de circunstâncias e não pela genética. A cultura burguesa em que ela estava inserida por exemplo, não permitia que ela conhecesse a rua, o espaço masculino. Os pais a criaram sem que fosse alertada sobre as coisas práticas da vida. Sendo assim, aquela criatura de dezessete anos, não poderia ter grande personalidade, haja vista que desconhecia o próprio mundo em que vivia.

No decorrer da trama, a partir do conhecimento da visão que alguns personagens de classe média tinham de si mesmos e dos outros, que eram os negros e pobres, o autor delinea os preconceitos inseridos por essa visão equivocada, existente até os dias de hoje, sobre a superioridade de branca e conseqüentemente, a subalternidade dos negros e mestiços.

O ar de superioridade da personagem Salustiana e o horror diante da ideia de ter seu filho casado com uma mestiça, nos dá a dimensão do pensamento preconceituoso que havia na época e nos faz questionar o motivo de tanta ojeriza.

### ***3. A origem dos mitos que iniciaram a inferioridade do negro em relação à nação europeia***

Durante a Idade Média, vários mitos foram criados a fim de que os homens continuassem sob o jugo da religião católica. A Bíblia só era lida pelos padres, pois somente eles conheciam a língua latina. Nesta época, o teocentrismo vigorava e as pessoas acreditavam que Deus era o centro do universo e o clero, o seu representante.

As representações da África também foram baseadas em testemunhos dos geógrafos da Antiguidade, que contribuíram para uma visão equivocada sobre esta região. Eles conheciam apenas uma parte do terri-

tório. Alguns escritores fizeram registros apenas sobre o Norte da África, mas, como a tendência é a homogeneização, o que se propagou foi que todos os espaços africanos tinham as mesmas características das que foram traçadas na Idade Média.

Até fins do século do século XIII, a área africana representada pelos europeus correspondia aos territórios denominados *Berbéria*, parte do Egito e o litoral do Mar Vermelho. Com exceção de pequenas áreas da Costa Oriental, as vastas regiões intertropicais constavam nos mapas como *Terrae Incognitae*, ou então eram conhecidas como *Aethiopia*. (CLARO, 2012, p. 81)

Essas representações articularam-se, a partir do séc. XIII, a determinadas passagens de Gênesis, primeiro livro da Bíblia. Ganhou credibilidade um trecho em que um dos filhos de Noé, Cam, fora castigado por zombar de seu pai após vê-lo nu e embriagado. Como punição, Cam e seus filhos deveriam se tornar escravos dos descendentes de seus irmãos e habitariam o Egito, a Etiópia e parte da Arábia: “Cush (filho mais velho) seria ancestral dos etíopes, Mesraim dos egípcios, Phut dos trogloditas e Canaã dos demais africanos”. (CLARO, 2012, p. 81)

Segundo a cartografia do período, que passou a representar uma visão baseada nessas interpretações, as terras que eram conhecidas na época, Ásia, Europa e África estariam distribuídas em forma de “T”. Os continentes estariam associados aos herdeiros de Noé e como era de se esperar, de acordo com as ações manipuladoras da época, os descendentes de Cam, que fora amaldiçoado pelo pai passaram a habitar a África. Os descendentes dos outros filhos de Noé ficaram assim distribuídos: os descendentes de Sem passaram a habitar a Ásia e os de Jafé, a Europa.

O “T” evocava a cruz, remetendo a Cristo – epicentro da salvação. Nessas representações cartográficas, parte do continente africano era inserida na chamada “Zona tórrida”, confundindo-se com a *Terrae Incognitae* da cartografia antiga. (CLARO, 2012, p. 82)

Juntando-se a isso, a representação negativa da África traça um paralelo entre a cor negra e o mal e a descrição do calor excessivo desses lugares a uma proximidade com o inferno. Observemos que até hoje, nos ditos populares, damos uma conotação negativa à cor preta: “a coisa está preta”, “mercado negro”, “denegrir”, “inveja branca” (como se a inveja branca fosse boa pela cor) e tantos outros. O (pré)conceito é uma antiga herança: “A população etíope, em geral, era descrita com traços monstruosos e a Etiópia como o lugar das bestas infestadas de vermes. O demônio era representado como um etíope negro com cabelo carapinha”. (CLARO, 2012, p. 82)

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Sendo assim, esses mitos traçados para designar os etíopes, tornaram-se uma das armas utilizadas pela igreja católica para manter a Europa sob o seu domínio. Já que o que se esperava encontrar era a personificação do demônio.

Com o advento do Renascimento, muita coisa mudou e, com o antropocentrismo, o homem já não tinha medo em enfrentar os mares e os monstros que eram propagados anteriormente. Essa aventura era financiada por reis com interesses econômicos e políticos. Ao chegarem à África no século XV, os europeus viram um território completamente diferente daquele que imaginavam. Dentre esses mitos, acreditava-se que o homem encontraria todas as características traçadas na Idade Média, baseados na representação negativa em relação ao local, ao aspecto físico e toda a associação equivocada traçada pela igreja cristã que deturpou trechos da Bíblia para inferiorizar o negro.

No entanto, surpreenderam-se ao chegar, pois encontraram um continente bem desenvolvido, com monarquias que possuíam um conselho popular que representava as diferentes camadas sociais. Entretanto, não eram tão desenvolvidos tecnologicamente, incluindo a questão de armamento de guerra, o que facilitou o domínio dos europeus: “Isto pode ser explicado pelas condições ecológicas, socioeconômicas e históricas da África daquela época, e não biologicamente, como queriam alguns falsos cientistas”. (MUNANGA, 1988, p. 8)

No final do século XV, a América também foi descoberta, e os europeus, sobretudo a partir do século XVII, precisavam de mão de obra barata para explorar essas terras valiosas. E, como vimos anteriormente, o pouco desenvolvimento armamentício facilitou o comércio dos escravos negros.

Os europeus estavam convencidos de que eram superiores aos africanos em tudo e, por isso, tinham o direito de subjugar-los, e transformá-los em coisas a seu bel-prazer. Por ignorância, tinham desprezo por tudo que não viesse do seu mundo. Dizemos isso pelo desprezo que desenvolveram pela cultura africana que se perpetua até os dias de hoje. Podemos incluir a questão religiosa que, através do maniqueísmo, transformaram os ritos africanos em “coisas do demônio” e o cristianismo na religião do bem.

Outra questão que se perpetua até agora em relação ao desprezo cultural do branco em relação ao negro, é o estereótipo de beleza. São características diferentes, não significando a superioridade de um sobre o

outro. Cabelo, feições e etc. ainda são motivos de comparação entre um e outro, exaltando a beleza europeia. Tomou-se o cuidado também em exaltar a superioridade intelectual do branco em relação ao negro sem se preocuparem com a história antiga dos negros.

A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas de exploração predispuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. (MUNANGA, 1988, p. 7)

#### **4. Algumas ideias sobre as teorias raciais científicas do século XIX**

As teorias raciais do séc. XIX deram um status científico às normas burguesas, sobrepondo-se aos dogmas religiosos que imperavam até então. Essas ideias classificavam a humanidade e justificavam as desigualdades sociais e étnicas pautadas em classificações absurdas, porém com termos sofisticados, valorizando-as.

Os teóricos tentavam explicar as diferenças entre os homens, mas sem justificativas religiosas como ocorreu anteriormente. Os intelectuais brasileiros introduziram esse pensamento no Brasil na segunda metade do séc. XIX e início do XX.

Foi uma época em que a imigração dos europeus para o Brasil fez-se intensa e a abolição da escravidão recente. No Rio de Janeiro, esses grupos ocuparam algumas áreas periféricas do estado, construindo cortiços e outras habitações humildes para sua moradia.

O Brasil já era conhecido como um país de miscigenados e alguns teóricos nos desprezavam por esse motivo. Um deles foi Arthur Gobineau, diplomata, escritor e filósofo francês. Ao ser convidado a vir ao Brasil em missão diplomática, relutou. Relatou posteriormente que a única coisa positiva que guardou da sua visita foi sua amizade com D. Pedro II. Não via com bons olhos a sociedade brasileira. Achava que o nosso país não tinha futuro. Para ele, a única solução seria a imigração de Europeus, considerados superiores. Um dos primeiros trabalhos sobre eugenia foi escrito por ele: *Ensaio sobre as desigualdades das raças humanas* (1855). Sobre suas ideias, discorre Flávio R. Giarola:

Para ele, o país era o maior exemplo de deterioração decorrente do amálgama de raças, que apaga rapidamente as melhores qualidades do homem branco, do negro e do índio, deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental. (GIAROLA, 2010, p. 7)

E continua o autor:

As teorias raciais “científicas” eram tão populares que havia verdadeiros “zoológicos humanos” em que eram expostas pessoas de outra origem, senão a europeia e por isso, consideradas exóticas e inferiores. Assim, a partir da década de 1870, passaram a exibir “pigmeus, apaches, esquimós e nativos de Samoa ou do Suriname”. (GIAROLA, 2010, p. 6)

Observamos assim que essas teses raciais, baseadas em estudos sem qualquer comprovação científica, de fato permitiram uma série de atrocidades cometidas contra os que não pertenciam à Europa Ocidental. Esses mitos que inferiorizavam os outros povos agregaram-se à sua cultura e a população europeia passou a encará-la como algo normal. É claro que sempre há alguns seres que, em um processo de reflexão, não agem de forma automática segundo as normas de sua cultura, mas estes constituem minoria.

Esses mitos absurdos embasados em teses que não tiveram nenhum tipo de comprovação científica com a finalidade de alimentar a ganância europeia, em ampliar os seus domínios e fomentar sua economia através do trabalho escravo e dilapidação das terras invadidas, nos inferiorizaram tanto, que até hoje, grande parcela da população não se assume como negra ou mestiça, haja vista, as pesquisas do IBGE quando questionam esse tema.

##### **5. *O racismo no Brasil no início do séc. XX presente no livro Clara dos Anjos***

Não havia em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada de sua individualidade social e concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o seu destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. (BARRETO, 2012, p. 220)

Imaginar que Lima Barreto temia que sua obra tivesse características naturalistas, quando o enredo foi pensado pela primeira vez, nos faz crer que esse temor tinha razão de ser<sup>85</sup>. Não se tratava de um mal persecutório causado pelos preconceitos sofridos pelo autor que o deixaram,

---

<sup>85</sup> Inicialmente, a história de Clara deveria se desdobrar em outras, com a sucessão de gerações. A intenção do autor era a de transformá-la em um épico, como se fosse um *Germinal negro* que é um livro francês naturalista.

ao longo do tempo, angustiada e descrente sob a alcunha de subalterna dada a ele e descrita em seus livros.

Em *Clara dos Anjos*, percebemos que anos se passaram até que fosse possível a publicação do seu livro. No entanto, o determinismo que ele tanto temia, permeou o perfil da personagem e o Naturalismo se fez presente na obra. Entretanto, apesar da falta de perspectiva de Clara dos Anjos em relação ao seu futuro, observamos que o autor explica as circunstâncias em que ela fora criada, criticando assim, a falsa moral burguesa da época em relação à subalternidade imposta aos negros, mestiços e mulheres. Trata-se aqui da dupla subalternidade: “Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo”. (BARRETO, 2012, p. 219)

Apesar do autor entrar como narrador onisciente, tentando alertá-la à realidade da vida, por achar que, por mais que ela tivesse sido cercada em seu direito de ir e vir, teria que reagir de alguma forma e refletir sobre a sua situação, Clara manteve-se assim, inocente e sem entender a diferença que a sociedade burguesa impingia às moças brancas e negras ou mestiças.

Na verdade, Clara só desperta para a sua real condição quando se confronta com a mãe de Cassi Jones que a destrata, sem a menor preocupação em ofendê-la, haja vista o fato de que as teorias raciais, que escalonavam as pessoas pela cor da pele e traços físicos, davam-lhe permissão para isso:

Após ouvir sobre a gravidez de Clara, D. Margarida: “com ar um tanto irônico: – Que é que a senhora quer que eu faça? (...)”

– Que se case comigo. (...)

– Que é que você diz, sua negra? (BARRETO, 2012, p. 362)

Quando lemos um livro em que estas questões estão presentes, certamente, nos questionamos se o enredo condiz com a realidade da época ou se é fruto da imaginação do autor. No entanto, quando pesquisamos a origem de tais normas que beneficiavam a elite burguesa, certamente, o assombro é maior, visto que conhecer as origens do Determinismo, com leis pautadas, no início, em dogmas religiosos e posteriormente científicos, nos faz refletir sobre as atrocidades que o ser humano pode fazer em relação ao outro, a fim de conseguir o que almeja.



Já que as regras da moral burguesa foram influenciadas pelo Determinismo com as teses de inferioridade de negros e mestiços, veremos a seguir, como elas foram reformuladas aqui no Brasil, país de miscigenados.

### **6. A reformulação das teses raciais no Brasil**

Aqui no Brasil também houve teses sobre o pensamento racial. No entanto, não poderia ser copiada da Europa, visto que algumas doutrinas consideravam os mestiços como seres degenerados. Assim tiveram que reformular as teses europeias para justificar a subalternidade dos negros e mestiços. Na verdade, nos referimos aos mestiços que tinham traços de outra etnia que não fosse a europeia, já que, somente os imigrantes europeus eram brancos em sua composição étnica.

De acordo com Schwarcz, Darwin, ao lado de Comte (1789-1857), recebiam vários elogios dos jornais brasileiros do período e dividia a atenção dos leitores. No entanto, estas mesmas teorias que agradavam aos brasileiros, serviam para vários viajantes como instrumentos para representar o Brasil como exemplo de nação degenerada de raças mistas. (GIAROLA, 2010, p. 7)

Se essa era a visão dos europeus, a única solução encontrada foi a de adaptar essas teorias à nossa realidade. O francês Louis Couty (1854-1884) queria o fim da escravidão, não por almejar uma sociedade igualitária, mas por questões práticas. Ele pensava que os diversos males que assolavam o país eram oriundos da raça negra. Escreveu um livro apontando diversos aspectos negativos do negro, inferiorizando-o em relação ao branco.

Para Couty, a solução para o Brasil estava na imigração de europeus. O autor acreditava que se, desde a independência, o país tivesse aberto suas portas para a entrada de imigrantes italianos ou alemães, em vez de comprar africanos, e se tivesse, após 1874, continuado com brancos, talvez agora o Brasil já estivesse em pé de igualdade com a Austrália ou com os Estados Unidos. (GIAROLA, 2010, p. 7)

Gobineau via o Brasil também como uma nação de degenerados por sua mestiçagem. Ele via o Brasil como o maior exemplo de deterioração por causa da mistura de raças. Julgou-nos estagnados culturalmente e com a saúde em risco.

Um dado curioso é que o brasileiro não se enxergava como mestiço naquela época e isso se perpetua até hoje. Os malefícios causados por

essas teorias raciais entranharam-se em nossa cultura e essa repulsa por tudo o que se originou da África reflete-se até hoje.

A solução encontrada pelos intelectuais brasileiros foi a não tradução literal das teorias europeias, retirando do texto termos que soavam estranhos a nossa realidade como “infortúnios da miscigenação” e utilizando uma espécie de hierarquia natural, inferiorizando uma parcela da população.

Mas se em vez de se reproduzir entre si, a população brasileira estivesse em condições de subdividir ainda mais os elementos daninhos de sua atual constituição étnica, fortalecendo-se através de alianças de mais valor com as raças europeias, o movimento de destruição observado em suas fileiras se encerraria, dando lugar a uma ação contrária. (GOBINEAU, 1915, p. 246)

Para negar essa ideia de inferioridade dos brasileiros devido à mestiçagem, a classe intelectual brasileira forjou a seguinte conclusão: a de que a miscigenação brasileira não produzia degenerados e sim uma população branca. Justificaram essa tese, dizendo que o gene branco era mais forte que o negro e que os brasileiros tendiam a procurar pessoas mais claras para terem filhos.

As teses raciais foram criadas por pessoas renomadas com formação acadêmica respeitada, porém, não tinham nenhuma comprovação científica. Somente o fato de receberem esse nome, já foi o bastante para que eles ganhassem credibilidade por parte da burguesia.

A obra de transformação das raças entre nós ainda está mui longe de ser completa e de ter dado todos os seus resultados. Ainda existem brancos, índios e negros puros. Só nos séculos que se nos hão de seguir, a assimilação se completará. (ROMERO, 1883, p. 211)

Acreditava-se, na época, que com a imigração dos europeus, o Brasil embranqueceria e nos constituíramos em uma raça mais forte. Com o tempo, o próprio Romero questionou a própria tese.

João Batista de Lacerda (1846-1915) também considerava os mestiços inferiores aos negros em relação ao trabalho braçal, mas superiores fisicamente e moralmente. Houve outros teóricos brasileiros que tentaram adequar as teses brasileiras por conta de nossa mistura de raça tão repudiada pelos cientistas europeus: o médico baiano Nina Rodrigues (1862-1906), Oliveira Viana (1883-1951) e outros mais.

7. *Desconstruindo a ideia de subalternidade dos negros e mestiços*

As normas culturais que se fazem presentes em nossa vida conduzem nosso comportamento, pois estão demasiadamente arraigadas à nossa personalidade. Contudo, isso não nos impede de fazermos a desconstrução do que não concordamos. Para isso, é necessário o conhecimento de fatos que nos levaram a construção de conceitos que, às vezes, aceitamos sem contestar. Com tal conhecimento, já desmistificamos as questões que subjugarum um povo devido à ganância do invasor.

A discussão sobre a cultura presente em nossa sociedade nos faz refletir sobre a importância do conhecimento que permeia a construção de determinados mitos, inferiorizando diversos povos. Se a cultura advém de um fato que se evolui, nossa maneira de pensar, nossos procedimentos também podem mudar ao longo do tempo.

Se o conceito se opõe tenazmente ao determinismo é igualmente cauteloso com relação ao voluntarismo. Os seres humanos não são meros produtos de seus ambientes, mas tampouco são esses ambientes pura argila para a automodelagem arbitrária daqueles. (EAGLETON, 2013, p. 14)

8. *Considerações finais*

Tentamos expor, neste artigo, algumas ideias sobre a ação do Determinismo nas relações entre os seres humanos, evocando, desde os primórdios, os mitos criados, primeiro pela igreja cristã e, posteriormente, no século XIX, pelas teses raciais científicas, com o propósito de justificar a dominação e exploração econômica.

Para tanto, interpretamos o perfil traçado por Lima Barreto à Clara dos Anjos. Lima Barreto, ao “desenhar” Clara, referiu-se ao negro em geral, apesar das especificidades dadas a dupla subalternidade da mulher, por isso, nos sentimos à vontade em relacionarmos a Literatura ao Determinismo, de forma interdisciplinar.

Nossa intenção foi mostrar aos leitores como os mitos de inferioridade se agregam a um determinado povo, e que, para desconstruirmos essa pecha negativa de subalternos, temos que saber como tudo começou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Cláudia Castro de. O determinismo científico e cultural no comportamento humano a partir da perspectiva clássica e da teoria auto-poética. *Ensaio Filosóficos*, vol. III, p. 26, abril/2011.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin, 2012.

CLARO, Regina. *Olhar a África*. Fontes visuais para sala de aula. São Paulo: Hedra Educação; Brasília: Ministério da Educação/FNDE, 2012.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP, 2003.

GIAROLA, Flávio Raimundo. *Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanços historiográficos*. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313>>. Acesso em: 28-06-2015.

GOBINEAU, Arthur. *The inequality of human races*. Londres: William Heineman. Disponível em: <<https://archive.org/details/inequalityofhuma00gobi>>. Acesso em: 28-06-2015.

ROMERO, Silvio. *Contos populares do Brasil*, vol. II. Introdução e notas de Theofilo Braga. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1883.